

Renato Suttana

© Anjo de Amanhã

o arquivo de
Renato Suttana

http://www.arquivors.com/renato_oanjo.pdf

2007

SUMÁRIO

<u>SÍMBOLOS.....</u>	<u>4</u>
<u>DEZ SONETOS.....</u>	<u>12</u>
<u>FRAGMENTOS.....</u>	<u>23</u>
<u>CONTAGEM DOS MORTOS.....</u>	<u>41</u>

SÍMBOLOS

I

**Onde o poema me deixou
fiquei.**

**Onde não havia jangadas
que me conduzissem à praia,
ali parei e hesitei,
incapaz de me decidir
pelo afogamento
ou pela fúria da tempestade.**

II

**Onde o que eu não era em mim mesmo
era o dia -
ali construí uma casa,
ali criei os meus bichos
e ali plantei uma semente -
como se olhasse para o futuro,
como se conhecesse as rotas,
mas eu não conhecia
rota nenhuma.**

III

**Era um bom lugar
e era extenso,
onde se podia viver para sempre,
como um estrangeiro pode viver
para sempre
longe da pátria
(como se pode viver para sempre
longe e fora de qualquer acolhida).**

IV

**Eu não procurava senão isto.
Eu não queria senão isto.**

**Aonde o acaso me levou,
onde me depositaram as águas da enchente,
ali fiquei para sempre,
sobretudo morei para sempre -
tal um pássaro cego,
uma colher num monturo.**

V

**Depois de ter percorrido
quinhentas léguas de mim mesmo,
fui descansar na ilha
que tinha por nome
desprezo.**

**Meu ouro afundara com o navio.
Meus pássaros
transformaram-se em flores neutras
e projetavam silhuetas
contra um crepúsculo cinza.**

**Cada vez menor,
eu me transformava em mim mesmo
e me transformava na sombra
que sempre me perseguira
ao longo dos corredores
de um castelo
de insônia.**

**Contava as horas -
e era uma criança a contar
as conchas que recolheu numa praia
enquanto o mar ameaçava.**

VI

**O mundo era vasto
se visto de perto.
Nossas asas nada podiam
contra os caprichos da chuva:**

**uma coleção de desastres
seria tudo
o que teríamos obtido no fim.**

VII

Mas o mundo.

Mas a meta.

**Nossos desertos eram duplos:
nosso caminhar por esses desertos
era duplo - e duplo
como se fossem duplos também os sentimentos
e duplas as paisagens
e duplas as devastações.**

Mas o mundo.

Mas as asas.

DEZ SONETOS

I

**Esta miséria de existir à sombra,
de não ter um caminho a percorrer,
de evitar a abrasão do acontecer,
que já não desarvora nem assombra;**

**este querer repouso antes da ação,
dissolver-se em preguiça o pensamento
de desafiar o gume do momento,
este nada querer, esta omissão;**

**e um domingo em dezembro, e ter descido
tão baixo ao vale estéril do sentido,
que ter asas se torna um fardo a mais.**

**Este haver sobre o dia um puro brilho
a repetir-se como um estribilho
no refluxo das horas sempre iguais.**

II / A UM HERMENEUTA

**Tu, que estudaste o vôo das estrelas,
que perquiriste o abismo e a profundura;
que deste à tua voz peso e largura
e às palavras um modo de entendê-las;**

**tu, que habitaste a claridade pura
que devia existir nas coisas belas
e com esforço descobriste nelas
um sentido que as salva e configura;**

**que hás de fazer depois, quando descer
sobre o teu olho simples essa treva
que se segue ao clarão de compreender;**

**quando a Noite que funda a noite vista
baixar sobre o teu sonho de uma pista,
sem palavra ou enigma que a descreva?**

III

**Que se perdeu na faina, que gorou;
que despencou da ponte e foi ao fundo;
que não teve final, não continuou,
não chegou às paragens deste mundo;**

**que se tornou difícil, infecundo,
sem cumprir a promessa que o anunciou;
que se esvaiu no esforço de um segundo,
ave cega, atingida em pleno vôo.**

**Que na anedota fraca do provável
consumiu sua luz e seu orgulho,
tombando antes do sono - flor instável**

**que a noite dispersou em poeira e vento;
que aspirou à aventura do momento,
mas faliu na vertigem do mergulho.**

IV

**Como um bêbado à beira de um andaime,
nada sei, mas discorro longamente
sobre aquilo que ignoro. No presente
meu fôlego é menor e falha. Sai-me**

**a alma pela garganta - uma parente.
Peço aos deuses do dia: "Consolai-me.
Dai-me a paz desta pedra, ou dissipai-me
na névoa que se adensa à minha frente,**

**a se adensar em mim." A coisa cresce
(uma angústia talvez) no meu incerto
sentimento da luz que me falece,**

**que é o sentimento próprio do deserto.
Como um bêbado a andar por um telhado,
fujo ao risco, e no risco estou parado.**

V

**A mim que me preocupam borboletas,
que me dão pena as pedras e as asinhas,
que me tiram o sono as avezinhas
de plumagens escassas, incompletas;**

**a mim que me perturbam as discretas
oscilações das águas mais sozinhas
quando as afagam brisas, e as florinhas
que esmagaram as rodas das carretas;**

**a mim me sobressalta este esquisito
estar desperto à beira do infinito,
tendo o céu por consolo, e a luz por fardo.**

**Chega-me ao pensamento, e em minha insônia
cresce e tem o sabor de uma acrimônia,
de um fogo que me esfria e em que não ardo.**

VI

**Vou me abrigar à sombra do possível,
desistir deste ardor, deste alvoroço
que se anuncia em mim, como um caroço
com que não sei lidar, por novo e incrível.**

**Vou me aplicar ao nítido, ao factível,
e consolar-me apenas do que posso,
sem perscrutar o fundo desse poço,
sem lutar contra o absurdo do desnível.**

**Quero a senda, o relvado, como quero
ir de hora em hora - um barco que persegue
no horizonte infinito do que espero**

**somente a meta justa, o prêmio certo -
que vem de resistir ao mar aberto,
como um calhau resiste à onda que o negue.**

VII

**O impossível me assusta, porque *existe*,
porque se encontra *dado*, porque tem
a consistência e o peso do que vem,
do que se pode ver e à luz resiste.**

**Alcança-me na curva e não desiste
de morder-me com boca de ninguém;
toma o aspecto da garra que retém -
da flecha disparada, a lança em riste.**

**Sobressalta-me à noite, entre as imagens
que o sonho proporciona, definidas
para além de contornos e paisagens:**

**e é mais real do que elas, mais espesso -
como um oceano que não atravesso,
que não me leva às praias pretendidas.**

VIII

**Por que me iludo assim, acreditando
que à noite do vivido e do esquecido
posso, com o lume leve de um gemido,
acrescentar mais luz, que estou gerando**

**(enquanto vou partindo e rechaçando),
ermo e cego, no fundo indefinido
do pensamento escuro, sem sentido -
eu paisagem, eu rico e miserando?**

**Por que me deixo assim lisonjear
por esta idéia de que contribuo
com qualquer coisa que não tem lugar;**

**se vindo o dia e vindo a luz real
não sou mais que um indício, que um sinal
no chão onde me abato, me derruo?**

IX

**Nada sou, a não ser a superfície,
o espelho distorcido, o visto e o dado,
sobre o qual vejo o nada projetado,
fosse o nada uma coisa que se visse.**

**Sou palavra que alguma boca disse,
dizendo-a pelo avesso - um ponderado
dizer certo o dizer de modo errado
qualquer coisa que ouvido algum ouvisse.**

**Que sei eu? - Eis-me aqui, que me projeto
sobre o espelho do dito, onde me aquieto,
sem poder o que o dito simplifica:**

**este espelho, ou talvez este invisível
lapso de sombra inscrito no dizível,
que o espelho subestima e multiplica.**

X

**Arrastei-me por fora até aqui.
Cheguei a este lugar de meu desprezo
onde estou a sorrir, leve e surpreso
de quanto em meu caminho descobri.**

**Meu esforço cumpriu-se em forma e lama,
em poeira de inocência e pensamento,
e o que restou de meu profundo intento
(esta água de um cantil que se derrama)**

**é a memória somente - de ter posto
toda a minha energia num azul
que resultou em distensão, desgosto,**

**deserto da vontade que definha:
é a lembrança da sede que foi minha,
que em mim foi ambição, de norte a sul.**

FRAGMENTOS

I

**Lua do meio-dia.
Sem luar, mas não importa.
(Qualquer coisa que esfria
dorme atrás da porta.)**

**Meu olho que te perseguia
pode descansar:
lua do meio-dia
sem o cortejo das estrelas**

**e sem luar.
(E esta melancolia
que há de passar.)
Meu olho que te perseguia
pode descansar.**

II

**Se pudéssemos desistir
de tudo o que tem sido
fardo e beleza, ouro
e quimera em nossos dias,**

**e caminhássemos
em direção ao jardim,
como quem se lembrou
no último instante
do sacrifício.**

**Se pudéssemos apenas
levar para fora
este fardo, fazer calar-se
o cachorro que insistiu em latir
durante toda a noite:
pudéssemos simplesmente
descansar -**

**pudéssemos simplesmente
levar para fora
tudo isso que se tem imposto,
que tem concedido aos nossos dias
um sabor de coisa
injustamente conseguida
e simplesmente
(como quem se esquece
de seus piores pesadelos) -
descansar.**

III

**Ser o que não teve,
o que não tem tido -
o que abriu mão
da possibilidade de ter:
e se deixou levar pelas ondas
como um barco
cujo leme se tivesse partido.**

IV

**Uma coisa é simples
quando se pode tocá-la,
levá-la para casa -
confiar nela
como se pode confiar
no ar.**

**Uma coisa é pura
quando se pode depositar
nela uma esperança
que há de alimentar
o futuro:
quando se pode**

**levá-la para casa
(como um pássaro levaria
consigo uma recordação
do vôo
para o ninho) -
uma recordação**

do que foi.

V

**Demasiado
é o peso do sol
para a estação.**

**Seu vôo é como
um baixar de lâminas
sobre a paisagem**

**inerte: como um grande pássaro
que tentasse pousar
no mais frágil ramo.**

**(Abril suporta-o
em silêncio. Mas o vento
não deixa**

de se lamentar.)

VI

**Abril
não ultrapassa
seus limites:
contém-se
na sua própria medida,**

**como um pássaro
se contém
entre a medida das asas
que o levam
para o voo.**

**É luz e outono
por toda parte.**

VII

**Cada centímetro de chão
está iluminado
pelo mesmo brilho de outono:**

**e dentro de mim
um pensamento desse outono
se mistura a uma outra paisagem**

**onde ser outono
foi também ter havido
qualquer coisa de uma luz interior**

**que se misturava a essa paisagem.
(Entre os ardores
de uma adolescência.)**

VIII

**Ter havido
uma outra paisagem
(uma adolescência de pensamentos
que se acendiam como uma fogueira
nessa paisagem)**

**desperta em mim a melancolia
das horas que se escoaram para a foz,
sem levarem barco nenhum
(mas que trouxeram o que sou -
meu olho atento**

**ao que não sou eu
nesta paisagem).**

**Desperta em mim a melancolia
de todas as coisas que na lembrança
restaram como troféus de um verão.**

IX

**Tudo era provisório
naquele verão, entre as pedras,
ouvindo os rumores do mar
que nos mantinham em equilíbrio.**

**(Éramos esse equilíbrio:
éramos as crianças do dia,
e nossos passos, desperdiçados na areia,
nos conduziam para dentro da luz**

**à qual não faltava nada
e da qual nada se podia subtrair.
E éramos nós mesmos
a olhar o mar do alto das rochas.)**

**Tudo era provisório,
como é provisório este instante
em que se evoca em mim uma memória
daquele enorme dia transcorrendo para a noite.**

X

**Ventos e distrações
a brincar entre os teus cabelos
numa lembrança que tenho de ti.**

XI

**Eu seria escuro,
se não tivesse visto essa tarde
e esses caminhos de mar que se abriam
em todas as direções
para além da praia.**

**E era também abril
como agora é abril -
e estávamos lá, junto ao mar,
como dois devotos de Poseidon,
olhando aquele azul que se abria**

**diante de nós e para além da praia,
em todas as direções.
Um vento vinha do longe
e com dedos suaves tocava
em nossos rostos.**

**E estávamos lá - e era abril,
e a vida se estendia à nossa volta
como o mar se estendia em caminhos e rotas
para além da areia.
(Eu seria escuro se não o tivesse visto.)**

XII

**Naquela tarde
(num lugar) -
e o teu olho que se convertia
facilmente em todas as coisas:**

**e podíamos levar às águas
nossas oferendas.
(E havia o vento que soprava,
tocando-nos de leve -**

**um vento que vinha de longe
como todas as coisas.)
Naquela tarde
(num lugar).**

XIII

**Abril nos dava o que dizer,
despertava em nós
as visões lúcidas, as palavras
dessas visões. Acendia-se em nós,
como se fôssemos amanhecer,
como se o que houvesse em nós de claridade
fosse acrescentar-se ao dia,
como o vôo de um pássaro se acrescentaria,
tornando-o mais parecido consigo mesmo,
mais parecido com um dia de abril.**

**Abril nos fornecia os sinais,
nos abastecia de direções,
dava-nos alguma coisa que, conquanto não a pudéssemos
conservar,
podíamos levar para casa como se fosse nossa -
enchia-nos de um sentimento de que,
não importando os pedregulhos e as farpas,
chegar à noite
estava inscrito em nosso sangue
com letras de mistério e de coragem
e de que havia uma reserva de ser
que nos ajudaria a suportar.**

XIV

**Caminhávamos - eu e tu -
ao lado do dia,
com o dia à nossa volta,
e víamos
ao longe as formas
indistintas de uma realidade:
era um ancoradouro,
era um porto -**

**e éramos nós
naquele dia,
com o dia a caminhar ao nosso lado,
eu e tu
e uma espécie de destino
(chegaríamos até lá,
iríamos caminhando até onde o caminho nos levava?)
à nossa frente.**

XV

**Estender-se demais,
multiplicar-se demais -
ser num único dia
todas as coisas
que um dia pode proporcionar:**

**e superpor ao sol visível
as fantasias do que vemos,
nossas quimeras interiores
tornadas estrangeiras no dia,
que nada contém do dia.**

**Não era isso o que desejávamos.
Não era um simples estar,
um simples estender-se entre os pólos
que levaria os nossos pensamentos ao extremo
e depois os arrebataria contra as rochas.**

**Queríamos apenas o visto -
a simplicidade de um possível:
estarmos ali, sentados a olhar,
e o vento de abril a brincar
à nossa volta**

como uma criança que não víamos.

XVI

**Duplicar o possível
entre possibilidades –
sonhar o claro
na claridade.**

**Não era o que desejávamos.
O dia nos bastava
e a claridade
que vinha do mar.**

XVII

**Quando um pássaro pousa,
pousa com ele uma realidade
e pousa com ele
(quando as asas se fecham
em torno do seu corpo leve)
um sentimento dessa realidade.**

**E os olhos sabem
e não se perguntam mais -
e o que havia para ser perscrutado
era o vôo, enquanto o pássaro
atravessava o ar silencioso
de uma estação que tudo recolhia
em seu círculo.**

**Quando um pássaro pousa,
alguma coisa de uma realidade
pousa com ele
e repousa em nós
como uma apreensão já desfeita,
que torna mais fácil
a chegada da noite.**

CONTAGEM DOS MORTOS

I

**Todo lado é lado.
Todo lugar é lugar.
Ir é sempre
não querer voltar,
sempre
o desejo de continuar.**

**Porém todo lado
é lado - todo lugar
é permanecer:
ir em direção
ao que se deve ser,
ao que se pode**

ser.

**(Haja o que houver,
aconteça o que acontecer.)
Todo lado é lado,
todo lugar é lugar.
E ir é sempre -**

continuar.

II

**Estou
realmente
como se tivesse
visto
como se tivesse
vindo
como se tivesse
sido
vencido.**

III

**Um mar
estático -
um horizonte
imóvel.**

**E no entanto o dia
não pára: o sol
não interrompe o seu vôo,
e é preciso concluir.**

**(Mas onde? De que
maneira?
Por que caminhos
concluir?)**

**Um sol
estático - um
horizonte
imóvel:**

**miragem apenas
do olho
exausto -
vôo de pássaro**

cujas asas jamais se abriram.

IV

**O anjo de amanhã
ignora
o agora.**

**Ignora
o teu pasmo,
as tuas apreensões,
o estares à janela
a esperar o pássaro,
a esperar o dia
e seu vasto jogo
de começos.**

**(Frutos e flores,
nuvens e ventos
e o amplo céu
que em vão se interpreta,
que não se lê
numa linguagem -
em nenhuma linguagem.)**

**O anjo de amanhã
só chegará
amanhã.**

V

**Desdobramento
e vertigem:
todo perigo se contém
em simplesmente lançar-se
uma ave para o seu vôo -
barco
em mar turbulento.**

**Fizeste.
Atravessaste a correnteza -
chegaste à praia:**

**teu olho uma poeira do excesso,
teu grito
desmantelado entre as rachaduras.**

**(O que foi *fazer*,
o que foi *ser*
dormiu no início -
e ficaste sozinho
na chuva.)**

**Ouro das sombras -
sempre para além
do teu alcance.
E ficaste sozinho.**

**Desdobramento,
asa do corvo,
vertigem.
Não alcançar é como um palhaço
sujeito à fúria
da tempestade.**

VI

**Junho prometeu a vitória,
porém era preciso
cruzar o oceano.**

**Abril trazia em suas asas
uma mensagem do sol,
porém era preciso saltar.**

**(Duas mãos atadas
não contribuíram
com sonho nenhum.)**

**Vitória e prêmio no final,
porém era preciso
resistir ao vento.**

VI

**Asas na noite perfeita
que de nada precisa,
nem mesmo
daquele vôo -
que passa atravessando o silêncio
(acrescentando peso e presença
ao silêncio)
em direção ao ignorado.**

**Na noite
todas as presenças são duplas -
todos os caminhos
são dúbios
e conduzem a qualquer lugar:
como aquele vôo conduz
o pássaro desertor
(um morcego talvez?)
ao coração do mistério:**

**onde há de encontrar
o que procurou.**

VII

**De impacto em impacto,
teu olho lúcido
se adensa -
tua coragem se complica,
teu passo
se torna espesso
como se sobre planícies
de areia e *não*.**

**De tempestade em tempestade,
de muro em muro,
de rochedo em rochedo
tua alegria se modera,
tua presteza envelhece
e tudo se torna
flutuação.**

**(Como resistir à
veemência
dos meses -
às injunções agudas
das horas?)**

**De ilha em ilha,
de queda em queda,
de naufrágio em naufrágio,
de contramão em contramão
tua coragem
apodrece.**

VIII

**Preocupações escavam
a noite deserta.**

**Querem porto,
querem passagem,
querem o que não se pode
querer - porque agora
é inverno, e todas as saídas
estão fechadas.**

**Acontecer a manhã
talvez servisse de alguma coisa -
mas, coisa sobre coisa,
é a noite que fala mais alto:
e a insônia ignora os acordos,
não se deixa reger
por contratos
e, quando menos se espera,
é o animal que nos espreita
na curva extrema
do caminho.**

.....

**Uma reserva de pasmo no escuro -
a madrugada como um punhal,
o dia a transportar o seu fardo.
Um arsenal de mágoas.**

IX

**Queres perfeição
na madrugada
difusa.**

**Quando te levantas da cama,
em pleno circo
da insônia,
para resolver a questão
(seja ela qual for),
não te contentas em simplesmente
saber que só se deve resolvê-la
(caso se possa resolvê-la)
do modo como se puder
resolvê-la: que é sempre
um modo qualquer,
mas o melhor modo.**

**Queres perfeição e assim te exasperas,
penetras num labirinto,
entras por um portão duvidoso,
te chocas contra as horas na treva.**

X

**Nada é simples
nem puro
entre as estruturas
de julho.**

**Cabelos, medos,
a moeda
que se perdeu no escuro -
uma recordação feliz
da tua infância.
(Quem sabe?)**

**Tudo se mistura,
se desagrega,
se degrada
em meio à escuridão
que se impõe.**

XI

**Solitária é a noite,
pouco propícia aos grandes gestos,
espessa,
inútil como uma letra
no vento.**

XII

**Acomodar-se ao pasmo
como uma coisa
se acomodou ao silêncio
vista
por fora.**

**Acomodar-se
a este nada saber
senão a parte inexpressiva
do vento,
como uma laranja
vista por fora,
como uma pedra
se acomodou ao relento.**

**Ser plenamente
o que só se pode ser
porque fere - o que
só se pode ser
porque escapa
ao esforço tardio
da mão.**

**Acomodar-se a isso,
como uma água
se acomoda
ao fundo de um poço.**

XII

**Nada na manga,
nenhum trunfo -
nada que se possa apostar
contra os excessos
do inverno.**

**Nenhum trunfo
que se possa jogar
contra os extremos
do frio -
as indelicadezas
do vento.**

XIII

**Inútil como
de uma boca
desaguarem palavras
sobre o silêncio gelado
do inverno -
é o olho que,
obscuramente,
tenta encontrar na escuridão
uma espécie de centro:
tenta encontrar
na escuridão
seu equilíbrio.**

**Nada na noite se consagra
à justiça, toma sentido
de justiça
para o pensamento andarilho
que se desperdiçou na insônia,
esforçando-se irresoluto
contra um portão.
(O tempo é um vasto portão
que olho nenhum pode abrir.)**

XIV

**Disse: “As rosas
de ontem -
é tarde demais
para se abrirem.”**

XV

**Foi-se o excesso, ficou
a lembrança das tentativas:**

**asa de inseto a descer
pela correnteza.**

XVI

**Atirar-se contra um absurdo
na tentativa de extorquir
uma palavra.**

**Apontar um revólver de angústia
contra o silêncio,
lançar**

**à face do mistério
um desafio –
sem se importar com os espinhos,**

**com as arestas de julho
com o fluxo inabitável
das horas.**

XVI

**À beira
do acaso -
larva,
pensamento estanque.**

**Um homem
à beira
de um fantasma -
um caos
à beira de um osso.**

**Coisas diminuídas
atulharam a noite -
memórias, restos,**

**o não-poder
tornado coisa.
À beira
do escuro.**

Este livro eletrônico foi composto com tipos Carbono (página de rosto) e GrasVibert (títulos, texto, cabeçalhos e rodapés)
Copyright © Paulo W, Intellecta Design, 2007 (reproduzido com autorização) - <http://www.intellectadesign.com>